

Naidna de Souza: a palavra des-a-linha, atravessa a margem e brinca sobre a encruzilhada

Naidna de Souza: The Word Mis-aligns, Crosses the Edge and Plays on the Crossroads

Autoria: Ana Carolina Pedrosa Pontes

 <https://orcid.org/0000-0001-7771-3867>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.180184>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/180184>

Recebido em: 18/12/2020. Aprovado em: 18/06/2020.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 10, n. 18, jan.-jul., 2021.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Universidade de São Paulo.

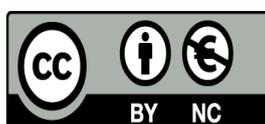
Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.  [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

Como citar (ABNT)

PONTES, Ana Carolina Pedrosa. Naidna de Souza: a palavra des-a-linha, atravessa a margem e brinca sobre a encruzilhada. *Opiniões*, São Paulo, n. 18, p. 430-447, 2021.

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.180184>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/180184>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais

naidna de souza:
a palavra
des-a-linha,
atravessa a margem
e brinca
sobre
a encruzilhada

Naidna de Souza: The Word Mis-a-ligns, Crosses the Edge and Plays on the Crossroads

Ana Carolina Pedrosa Pontes ¹

Universidade Federal da Bahia – UFBA

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.180184>

¹ Doutoranda em Literatura e Cultura pelo PPGLitCult/UFBA, mestra em Estudo de Linguagens pelo PPGEL/UNEB e graduada em Artes Plásticas pela Escola Guignard/UEMG. anapedrosap@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7771-3867>.

Resumo

Através do poema “Linhas”, de Naidna de Souza (2015), nossa leitura é guiada para pensarmos na sua poesia e produção de discurso, interseccionada por exclusões de gênero, raça, classe, e, sobretudo, pela experiência de sofrimento mental. Naidna é poeta, performer e pintora, frequenta o dispositivo Centro de Convivência da Rede de Saúde Mental, substitutiva aos manicômios, que se estabelece enquanto política pública no município de Belo Horizonte/ MG. Mesmo depois da Lei da Reforma Psiquiátrica e da consolidação do Movimento Nacional da Luta Antimanicomial, retrocessos importantes têm se imposto às garantias de direitos nacionais no campo da saúde mental. Pensamos na poesia como produção de devir, enquanto agenciamento de vidas (DELEUZE, 1977) e narrativas que se vulnerabilizam historicamente a partir da ideologia eugênica, da necropolítica (MBEMBE, 2016) e dos biopoderes (FOUCAULT, 1979), que se reorganizam sistemicamente como projeto de Estado. A vivência da arte e linguagem se fazem na tentativa de rasurar as violências e violações. A poesia de Naidna de Souza se estabelece enquanto portal de enunciação, que opera através da reexistência (SOUZA, 2009), no sentido discursivo coletivo e comunitário, afirmando a vida de um grupo narrativo que se encontra na ressignificação da encruzilhada (PONTES, 2019).

Palavras-chave

Naidna de Souza. Poesia. Luta antimanicomial. Reexistência. Encruzilhada.

Abstract

Through the poem “Linhas”, by Naidna de Souza (2015), our reading is guided to think about its poetry and discourse production, intersected by exclusions of gender, race, class, and, above all, by the experience of mental suffering. Naidna is a poet, performer and painter, and attends the Centro de Convivência da Rede de Saúde Mental that replaces mental hospitals, which is established as a public policy in the city of Belo Horizonte-MG. Even after the Psychiatric Reform Law and the consolidation of the National Anti-Asylum Movement, important setbacks have been imposed on the guarantees of national rights in the mental health area. We think of poetry as production of becoming, as an agency of lives (DELEUZE, 1977) and narratives that are historically vulnerable from eugenic ideology, from necropolitics (MBEMBE, 2016) and biopowers (FOUCAULT, 1979), which are systematically reorganized as a state project. The experience of art and language is made in an attempt to eradicate violence and violations. Naidna de Souza's poetry is established as an enunciation portal, which operates through reexistence (SOUZA, 2009), in the collective and community discursive sense, affirming the life of a narrative group that finds itself in the redefinition of the crossroads (PONTES, 2019).

Keywords

Naidna de Souza. Poetry. Anti-asylum movement. Reexistência. Crossroads.

Linhas

Há muitas linhas e cada uma tem o seu sentido
Há a linha do horizonte que é a linha de maior
profundidade que vemos ao fundo de uma paisagem
Essa linha é onde o sol nasce e onde ele se põe
É a linha da contemplação da realização do imaginário
A linha do horizonte é onde o olho repousa
onde ele vê novas perspectivas

A linha do Equador é a linha que divide o Mundo: Mundo
Norte e Mundo Sul
separa o rico do pobre o branco do preto o claro do escuro
uma linha de penumbra
uma linha sombria
entre quem manda e é mandado
Uma linha entre o choro e o riso
entre a saúde e a doença
entre o louco e o são
Uma linha que separa realidades
Uma linha imaginária pode se apagar?

A linha de tecer pode fazer coisas maravilhosas também
Pode vestir desde o bebê até o idoso
Pode costurar emendar coser remendar bordar construir
criar
não só a matéria mas a mente
Pode também inventar lindos planos
Planos mirabolantes
Ela supera o tempo e a sua própria linguagem

A linha da escrita
É uma linha que sai de dentro do ser e dá forma ao íntimo
É a linha que fala
que esclarece através da palavra
que conta seu pensamento
que conta tudo que pode e o que não pode
que te transporta para a lua e para o abismo
A linha da escrita não tem limite
sobe e desce
conta riso e lágrima
te faz transgredir
A linha da escrita é a mesma linha da vida

A linha do risco
é a linha da arte
a linha da criação

a linha onde tudo é processo
e não se tem conclusão
é a linha do porvir
da matéria da elaboração
a linha da corda bamba
onde não podemos fugir uma vez que a-riscamos

A linha da vida tem muitos sentidos
ela vem desenhada na palma da mão
e você pode muda-la estica-la tecê-la traça-la remenda-la
pinta-la
A linha da vida é a linha mais mutável
Ela é como água como terra como ar como fogo como
carne como espírito como vida como morte
Ela depende de como você traduz
a própria vida

A linha da morte
Eu já passei por ela
e saltei dela
entendi que transcender a morte
quer dizer Vida

*Naidna de Souza*²

a linha do horizonte

Do final da década de 1970 para o início dos anos de 1980, a realidade do campo da saúde mental no Brasil era marcada pela supremacia dos manicômios que somente no maior Hospital Colônia do país, em Barbacena/MG, matou mais de 60.000 pessoas (ARBEX, 2013). Longe de ser realidade isolada, a instituição manicomial teve seu nascedouro através da ideologia eugenista, essa, por sua vez, influenciada diretamente pelos fascismos europeus (COSTA, 2007). Durante as décadas de 1930 e 1940, enfrentamentos passaram a ser feitos, liderados por figuras como Juliano Moreira e Nise da Silveira. Mas somente no final de 1970 tais enfrentamentos puderam se organizar para a superação dos muros manicomiais. A visita do psiquiatra italiano Franco Basaglia, que havia liderado movimentos de reformas das instituições psiquiátricas em Gorizia e Trieste, foi fundamental para que se pudesse consolidar um Movimento Nacional da Luta Antimanicomial.

Desse momento até o início dos anos 1990, as tentativas de proposições de políticas antimanicomiais se difundiram pelo país e conseguiram grandes avanços em cidades como Santos/SP e Belo Horizonte/MG. Somadas às forças dos movimentos sociais, à redemocratização e à reforma sanitária como conquistas

² SOUZA, Naidna. In: PONTES, Ana Carolina Pedrosa (Org.) *Poesia é a nossa estrutura*. Belo Horizonte: Independente, 2015.

nacionais, no município da capital mineira se convergiam também cenário político e conselho municipal de saúde com interesses na humanização das políticas de saúde mental. A Rede de Saúde Mental do município foi então sendo formada, substitutiva aos manicômios e ancorada na clínica ampliada, que aqui pensamos através de Marcus Vinícius Oliveira (2014).

Após a aprovação da Lei da Reforma Psiquiátrica 10.216/2001 e portarias adjacentes, muito foi possível ser feito, a nível nacional, em termos de substituição dos manicômios por dispositivos que prezam pelo acolhimento e cuidado em liberdade. Muros institucionais que condenam, isolam, encarceram e violam vidas, se esfacelaram. Mas muitos muros hospitalocêntricos ainda se fazem presentes no cotidiano sociocultural, na forma de lidarmos com a experiência da loucura e com o sujeito em sofrimento mental. Por isso pensamos na desinstitucionalização da loucura, para além da desospitalização (ROTELLI, 1988).

Em Belo Horizonte, uma das premissas dos serviços substitutivos foi a compreensão de que a criação em arte ocuparia um lugar frontal na estruturação das políticas de saúde mental. A justificativa dessa premissa costuma ser a da concepção da clínica ampliada, porém, antecede à concepção a percepção de que a clínica tradicional se faz insuficiente, quando compreendemos que tanto o adoecimento quanto sua estabilidade dependem de fatores de ordem biopsicossociocultural (NUNES, 2012) e não somente do campo da suposta resolutividade médica psiquiátrica. Ainda, a loucura fora colonizada enquanto experiência pelos domínios da psiquiatria (FOUCAULT, 1972), portanto, há algo de patologizante que existe em decorrência de um sistema social. Dessa forma, em outras sociedades não colonizadas a loucura não pressupõe patologia clínica e adoecimento, mas demanda de equilíbrio e cuidado comunitário (MUNANGA, 2019).

Nesse universo de novas buscas de significações para produção de vida, em contraponto à ideologia supremacista de morte e reordenamento escravocrata e racista através dos manicômios, é que se compreende os Centro de Convivência (CC's). A Luta Antimanicomial é um projeto de sociedade, assim como os CC's são dispositivos de letramentos de reexistências, operador teórico forjado por Ana Lúcia Silva Souza (2009) para pensar em práticas sociais que através da linguagem escrita ou oral se relacionam, criando outras formas de existir, a partir de modos e espaços contra-hegemônicos.

Era 2014 quando cheguei ao Centro de Convivência³ Providência (CC Prov), que se localiza na regional norte da capital mineira, uma região periférica e de baixa renda. Minha mediação seria da Oficina de Pintura, já estabelecida tradicionalmente na Rede de Saúde Mental do município⁴, com rica aderência nesse

³ Funciona como espaço de práticas artísticas (artes plásticas, visuais, teatro, audiovisual e música), onde são oferecidas oficinas (por profissionais das artes) e outras atividades culturais com o objetivo de ressocialização e reintegração na sociedade, através das artes. São nove Centros de Convivência distribuídos pelas regionais da cidade, que funcionam durante horário comercial.

⁴ A Rede envolve 9 Centros de Convivência, distribuídos nas regionais da cidade, CERSAM's (análogo aos CAPS), CERSAMI (infantil), Consultório de Rua, equipe saúde mental nas UBS's, junto do PSF, Programa Volta pra Casa, espaço Suricato de Economia Solidária, supervisões em Saúde Mental Antimanicomial e outras atividades integrativas.

CC. E, igualmente, mediação da Oficina de Poesia & Vídeo, que eu iria implantar depois de já a ter experimentado no Centro de Convivência Pampulha.

No CC Providência, recentemente nomeado como Centro de Convivência Rosimeire Silva, homenagem a esta que foi uma referência para a militância antimanicomial mineira e nacional, já havia um contato com práticas poéticas existentes e finalizadas anteriores à minha chegada, através de oficinas de musicalização e escrita. Ainda, havia a experiência do grupo Persona Grata, mediado pela atriz Manuela Rebouças e pelo músico Isaac Souza, que hibridizavam as linguagens da poesia, performance, teatro e música, nos ensaios do grupo e apresentações. Estas experiências somadas a um cotidiano de afeto e cuidado, criação e ampliação de repertório cultural, ambientalizaram a poesia, tanto no que diz respeito à prática da leitura, escrita e vivência, quanto no que diz de uma disposição poética para partilhar momentos de construções coletivas e experimentais através do exercício da palavra.

Naidna de Souza foi uma das convivas⁵ que pôde desenvolver sua criação em arte e linguagem junto desse ambiente e coletividade criadora que chamo aqui de ambiência poética comunitária. Naidna é poeta, performer e pintora. Tem boa aderência às oficinas e atividades oferecidas pelo CC Prov, e contribui para a coletividade com humor, astral e afeição marcantes e contagiantes.

A Oficina de Poesia & Vídeo então iniciada tomou forma da vivência artístico-cultural *Poesia é a nossa estrutura*, inaugurando assim o grupo homônimo, que atuou entre agosto de 2014 e setembro de 2015, fazendo parte, não somente do projeto de ressocialização proposto pela política pública de saúde mental na qual estava inserido, mas da emergente mediação em artes integradas e saúde mental antimanicomial, essa abordada em análise mais aprofundada na dissertação *Poesia é a nossa estrutura: árvore, luta e artevida* (PONTES, 2020).

Nossos encontros se estabeleceram semanalmente para ler poesia, escrever, falar da vida, discutir questões que tangenciavam as narrativas, recitar, conhecer autoras e autores e gravar takes de vídeos-poemas, embaixo de uma árvore que passou a ser o nosso significante estrutural. Sentávamos sob a sombra frondosa da sua copa, sobre o pano azul que estendíamos, e ali nos fazíamos seiva-poema. Essa experiência, além de inúmeras benesses geradas para as/os envolvidas/os, e aqui me incluo enquanto mediadora que também se beneficiou dos encontros, também foram lançados um livro de compilação poética e um filme-poema experimental média metragem, também homônimos ao grupo. Esse era constituído por oito convivas com presença mais fixa, quatro menos frequentes e algumas/ns outras/os que visitavam a oficina esporadicamente. Formado por pessoas de baixa renda, na sua maioria pessoas negras pardas e moradoras/es dos bairros da regional norte periférica da cidade.

Naidna de Souza teve sua poesia atendida por essa experiência coletiva. Destacava-se no grupo, sobretudo pelas brilhantes pautas que trazia para os encontros, suas falas motivacionais e a forma leve com que abraçava e nos entregava as palavras. O texto escrito da autora é apenas uma porção do texto que se imprime

⁵ Termo proposto pelo conviva e poeta Valtinho Folha-Seca, para substituir o termo “usuário” utilizado pela RAPS (Rede de Atenção Psicossocial) que, por sua vez, substituiu o termo “paciente” utilizado pelas instituições e abordagens clínicas mais ortodoxas.

no seu trânsito pela vida. Naidna se comporta como se brincasse com todas as palavras do mundo, como se pudesse organicamente lidar com suas densidades e sutilezas. Joga, convida-nos, quando escreve, mas também quando fala, a brincar junto, a rasurar a vida com o texto que transborda de si.

Foi assim no dia que me ditou o poema “Linhas”, epígrafe desse texto. Chovia fino ao mesmo tempo que fazia calor. A turma faltou e ficamos só nós duas, sobre o manto azul, sob a proteção das galhas e folhas. Naidna disse que estava pensando nas linhas, em todas as linhas que nos contornavam, recitou o poema que mais tarde gravei, transcrevi e lançamos no livro do grupo. Esse poema aconteceu na oralidade, com rítmica e pausas próprias, sonoras, que não poderiam ser mensuradas, tal e qual como ditas, nas métricas da palavra escrita.

É assim que a poesia de Naidna acontece, permeando o dia, costurando um devir poeta, uma existência poema, libertando as palavras como liberta a vida. Assim como a autora pensa nas muitas linhas que produzem inúmeros sentidos, propomos que suas linhas textuais possam nos guiar como inscrição que alinhava elementos e amplia o pensamento.

Como no fundo da paisagem abordada por Naidna, pensamos em suas linhas desenhadas para orientar nosso horizonte de expectativas, um convite a participarmos da sua tessitura de vida, “onde o olho repousa / onde ele vê novas perspectivas”. Que o verso da palavra, assim como o reverso da história estigmatizante da loucura, possa ampliar novas construções de imaginário, como Naidna sugere/oferece do horizonte de onde vê, na “maior profundidade” (SOUZA, 2015) onde está a sua voz.

a linhas que dividem o mundo

A necropolítica (MBEMBE, 2016), projeto de morte sustentado e reordenado sistemicamente pelo capitalismo da barbárie, conjugado à ideologia eugênica de raça, é responsável não só pela invenção das instituições manicomiais e prisionais, como pelos biopoderes capilarizados na sociedade (FOUCAULT, 1979), que, dentre tantos males, apontam e estigmatizam vidas e subjetividades, a ponto de suprimirem suas possibilidades de existir. A invenção ideológica do “ser humano oficial” em detrimento à todas as outras narrativas que não se qualificam enquanto o “normal”, inventa o outro na condenação das diferenças (CARNEIRO, 2005).

A interseccionalidade é um socorro epistêmico (AKOTIRENE, 2018), que nasce enquanto operador teórico demarcado por Kimberle Crenshaw (2002), mas que já se desenhava enquanto forma analítica por exemplo por Lélia Gonzalez (1984) ou Audre Lorde (Dagmar Schultz, 2011). Responde-nos por que opera na compreensão de cruzamentos e combinações de exclusões por raça, gênero, classe, diagnóstico, instrução sexual, religiosidade, geografia e inúmeras outras invenções racistas. Todas estas exclusões não são apenas somadas, mas sobrepostas e rearranjadas a todo instante nos convívios sociais, e não como vácuos institucionais, e se manifestam em agressões macro e micro nos cotidianos, quanto mais camadas

de outridades (KILOMBA, 2019) estiverem inscritas sobre o corpo, sobre a existência.

O estatuto da doença psiquiátrica não opera apenas diante da abstração do que criou como patologia, mas de uma leitura colonizadora limitante propositadamente, para que, retirando a complexidade do sofrimento mental, se pudesse higienizar a sociedade ao mesmo passo que se capitalizasse grande lucro com a doença criada (COSTA, 2007). A instituição psiquiátrica foi fundada pela combinação do capitalismo de barbárie, racismo e eugenia. A doença inventada enquanto máquina de lucro historicamente se aproveitou das situações biopsicossociais de sofrimento mental, para fazer desse seu negócio. Uma mulher negra, pobre e periférica, com diagnóstico de transtorno psíquico é, portanto, um alvo interseccional da necropolítica psiquiátrica.

As demarcações interseccionais são as linhas que dividem o mundo, como grafou Naidna de Souza no seu poema epígrafe: “Uma linha que separa realidades / Uma linha imaginária pode se apagar?” (SOUZA, 2015). Com essa pergunta da autora, pensamos na invenção do racismo e sexismo, por exemplo, como hierarquias ideológicas excludentes e segregadoras. Pensamos na exclusão pela loucura, que no Brasil não pode ser analisada separada da colonização, da ideologia de raça e classe e sua capitalização eugênica manicomial, nem mesmo separada do capitalismo e da supremacia do lucro entre Estado e iniciativas privadas, que ganham sobre cada leito psiquiátrico ocupado.

Para Naidna, a linha que separa, divide, segrega, é “uma linha de penumbra / uma linha sombria / (...) entre o choro e o riso / (...) a saúde e doença / (...) o louco e o são”. Em seu exercício da palavra, oral, escrita, performática, na sua inscrição narrativa da realidade que separa, Naidna não supera, mas tece, constrói. Não pode apagar o imaginário, as linhas já construídas, mas pode rasurá-lo, “remendar, bordar, construir, criar / não só a matéria mas a mente” (ibidem). É esse o exercício decolonial e antimanicomial da poesia e da arte.

a linha de tecer

Mesmo que as políticas antimanicomiais se debrucem na proposição de estratégias elaboradíssimas para o agenciamento de vidas, estratégias forjadas através de dispositivos que se utilizam de tecnologias leves (MERHY, 2013) e da clínica ampliada, pensando a arte como abertura de possibilidades e modos de existir (PONTES, 2020), que deve ser exercida junto à clínica, mesmo que o trabalho com arte seja pensado não a princípio enquanto recurso terapêutico, como no caso dos CC's em Belo Horizonte, mas em si como agenciamento (DELEUZE, 1977), ancoragem à vida, práticas de reexistência, ainda assim nos limitamos a não ler certas produções enquanto arte, por não reconhecer sua legitimidade não só mercadológica e de inserção nos sistemas da arte, mas também por não reconhecermos a capacidade artística dessas existências/narrativas.

Isso se deve, em parte, ao discurso supremacista da razão (FOUCAULT, 1972) sobre o qual está erigido os sistemas das artes, cognitivos, de interpretação e significação. Essa razão, de princípios hegemônicos euro-ocidentais e colonialistas,

se porta como única e absoluta, o que significa dizer, primeiro, que não compreende ou admite outras razões (MUNANGA, 2019) advindas culturalmente e subjetivamente de outros modos de existir, e, segundo, que se aporta ao “homem oficial”, não admitindo que outros grupos narrativos tenham capacidade de produzi-la.

Foi delimitado, a partir da razão totalitária e dos seus parâmetros cognitivos e ideológicos, que a experiência da loucura é antagônica à capacidade de produção de razão. Consequentemente, que não é possível que a loucura produza linguagem, não é possível que alguém que passe pela experiência do sofrimento mental produza substância cognitiva, logo, que tenha direito a existir discursivamente, a ser considerada pela sociedade.

A percepção que o homem ocidental tem de seu tempo e de seu espaço deixa aparecer uma estrutura de recusa, a partir da qual se denuncia uma fala como não sendo linguagem, um gesto como não sendo obra, uma figura como não tendo o direito a um lugar na história. (FOUCAULT *apud* PATROCÍNIO, 2009).

A linguagem é um *locus* de poder, os sistemas das artes são a manutenção exclusivista desses lugares. E isso se relaciona diretamente ao paradigma da loucura, e sobretudo às estigmatizações criadas sobre as capacidades x incapacidades. Se não entendemos uma criação enquanto linguagem, não damos a ela valor de arte, logo, não damos valor de artista a quem a criou. E isso não quer dizer status, mas sim representatividade e legitimação, na mesma medida em que se não reconhecemos uma criação e uma(a) criador(a), não reconhecemos sua condição de experiência e não validamos sua narrativa. É preciso descolar a ideia de improdutividade e, sobretudo, da não produção de linguagem de quem ideologicamente não representa o lugar de enunciação oficial.

O sujeito em situação de subalternidade nunca pôde falar (SPIVAK, 2014), porque falta a ele autoridade. Essa desautorização, no caso de pessoas em situação de sofrimento mental, é pactuada entre o estado hegemônico colonizador e as invenções psiquiátricas de poder sobre existências por ele indesejadas.

A chamada “alta cultura” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015), em todos os campos de linguagem, historicamente nomeou enquanto específicos todas as manifestações que entendeu como um “fazer menor”, para permitir certas existências desde que se saibam diferentes. O que não representa o pensamento hegemônico, quem não representa a “criação oficial” ou “capacidade ideal”, não poderá receber a mesma designação de existência. Quando se agrega as palavras adjetivas (e entendemos a palavra enquanto poder) à condição de validação das artes, adjetiva-se aquela única forma de se fazer, aquele modo de existir e criar, não com a singularidade narrativa que lhe cabe, mas sob a designação autorizada para falar. Duas implicações imediatas são estabelecidas: a primeira, é pasteurizar as singularidades de cada ser que cria e do que cria, enquadrando suas produções em uma denominação inventada. A segunda, de que os sistemas das artes se livram da responsabilidade de dissertarem sobre tais produções, na medida em que apenas as localizam enquanto “concessão dada”.

Isso não quer dizer que não reconheçamos uma experiência narrativa específica em locais de enunciações ou lugares de fala (RIBEIRO, 2017). Reconhecemos e acreditamos que devemos nos apropriar e ressignificá-los não como locais consentidos para falar, mas como espaço conquistado e como marca significativa e singular de uma experiência narrativa. Essa é uma das viradas conceituais que narrativas dissonantes ou dissidentes têm exercido como política de reexistências.

É possível, assim, percebermos que o discurso da meritocracia não tem nenhum efeito prático sobre vidas que não importam para a estrutura hegemônica de sociedade e civilidade da qual fazemos parte. E se, dessa maneira, tais vidas não importam, por que seus discursos importariam?

Nesse sentido, pensamos na legitimação da linguagem e criação da poeta Naidna de Souza e da sua poesia não somente enquanto produção narrativa individual, mas também enquanto portal de enunciação, enquanto construção de devir, autocuidado e autoautorização para falar (LORDE, 2019) e escrever enquanto ato político comunitário.

Em *Por uma literatura menor* (1977), Gilles Deleuze e Félix Guattari pensam na escrita que é produzida como texto coletivo e que é substancialmente política, porque diz de um grupo minoritarizado, porque diz a partir de uma demanda narrativa e discursiva específica. O uso da palavra menor não se dá como adjetivo de desqualificação, mas como desterritorialização dos modos hegemônicos de criação, do que se fala e de como se fala.

As três características da literatura menor são de desterritorialização da língua, a ramificação do individual no imediato-político, o agenciamento coletivo de enunciação. (...) É somente a esse preço que a literatura se torna realmente máquina coletiva de expressão, e se torna apta a tratar, a desencadear os conteúdos. (DELEUZE; GUATTARI, 1977, pp. 28-29)

Nesse sentido, é possível tecer a poesia de Naidna de Souza como ato político, como enunciação coletiva. Enunciar se torna efeito de reexistir na vida, recriando-a. A experiência da língua enquanto *locus* de poder, enquanto demarcação de produções de sentidos para vida, dita comportamentos e adequações. Narrativas que se destoam do permitido não sentem na língua acolhimento do seu texto, porque sabem que ela está a serviço de suprimir suas vozes, diferentes enunciações, assim como diferentes modos de existir.

Quantas pessoas hoje vivem em uma língua que não é a delas? [...], e conhecem mal a língua maior da qual são obrigadas a se servir? [...] como arrancar de sua própria língua uma literatura menor, capaz de escavar a linguagem e de fazê-la seguir por uma linha revolucionária sóbria? Como tornar-se o nômade e o imigrado e o cigano da sua própria língua? (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 30)

Naidna de Souza ensina que podemos “costurar emendar coser” e assim “também inventar lindos planos/ planos mirabolantes”, já que a linha que tece-escreve “supera o tempo e a sua própria linguagem”. Se a linha da escrita faz transgredir, porque “é a mesma linha da vida” (SOUZA, 2015), substancialmente sua poesia pode “escavar a linguagem”, como queriam Deleuze e Guattari (1977), porque a escritora e sua enunciação comunitária já são ciganas da própria língua e ato poético.

a linha da escrita e/é a linha do risco

Audre Lorde fala da “poesia como destilação reveladora da experiência” (LORDE, 2019, p. 45), quando, para as mulheres, a poesia não é um luxo, mas uma necessidade vital da existência. Lorde anuncia assim que as mulheres, sobretudo quando interseccionadas por outras repressões além de gênero, tem na poesia lugar de construção de possibilidades de vida, sonhos e esperanças. Naidna define em “Linhas” (2015): “A linha da escrita/ É uma linha que sai de dentro do ser e dá forma ao íntimo”.

Lorde compreende como, através da escrita, desenvolvemos a autoaceitação e tornamos nosso campo subjetivo, permeado de dores advindo de repressões, um campo fértil para reformularmos nossa vida, ressignificarmos nossas matérias existenciais. Explica que até mesmo quando não conseguimos produzir linguagem, por serem locais sombrios que nos compõem, através da poesia podemos moldar a vida, criando uma linha de resistência à morte. O ato de captarmos a vida através de como nos é permitido senti-la enquanto mulheres, nos movermos juntas nesse fluxo de reexistências, também é matéria da poesia. Pensamos com Lorde no ato da escrita como ressignificação da vida e autoautorização de fala, porque entendemos através da sua base analítica a especificidade e singularidade desse ser mulher no processo narrativo da palavra, ou seja, entendemos a interrelação da condição psicossociocultural de ser mulher com o ato de escrever em uma formação de sociedade em que essa condição a princípio não está prevista e permitida.

A poesia de Naidna de Souza, se constrói então portal de enunciação, já que diz de si e da própria singularidade, na mesma medida em que diz sobre grupos narrativos. Apontamos então para o operador teórico *escrevivência*, forjado pela escritora e intelectual Conceição Evaristo (2007), que formula tal conceito para lançar luz e dizer de um fazer textual da vida, em palavras escritas, sinais grafados ou oralidades, que de toda forma e matéria responde à existência coletiva de grupos minoritarizados.

Evaristo é *griô*, mestra pela contribuição vanguardista ao campo da literatura e estudos literários, em que suas obras representam um dismantelo da cultura hegemônica, apontando para a necessidade de revisão do cânone literário e das narrativas atendidas pelo campo. Originalmente, a autora cria o operador teórico anteriormente citado para responder ao grupo de mulheres negras escrevintes. Aqui, pedimos licença para nos servir desse aporte teórico e dizer das narrativas da saúde mental que historicamente sofreram violações por um sistema racista eugênico, formador da instituição psiquiátrica higienista brasileira.

Evaristo também pensa no comprometimento da vida com a escrita e da escrita com a vida, entendendo que a palavra é um universo de reinvenção de existências silenciadas e que existe algo de ancestral na partilha da criação textual que agencia essa reinvenção.

Dessa maneira, entendemos sobre as práticas das artes em ambientes de mediação cultural, nesse caso no campo da saúde, e especificamente da saúde mental, compreendendo que é preciso perceber que a arte, a criação, deixa de ser ferramenta, como muito se diz nos serviços de construções sociais e/ou terapêuticas, e passa a ser produtora de devir. O que quer dizer que a ambiência poética comunitária pode permitir que o incontido de nós se ressignifique e encontre outros modos de gozar/ realizar, aprenda a exercer forma. A linguagem produz estética na medida em que nosso desejo e movência tocam-na. Quando o incontido encontra espaço, se exercita em deixar de ser dor para se tornar resposta à vida. E isso não trazemos enquanto solução, mas enquanto tentativa, enquanto urgência e busca de vida.

Naidna sentencia que a linha da escrita “te faz transgredir/ A linha da escrita é a mesma linha da vida” e pensa na linha do risco como “a linha do porvir/ da matéria da elaboração” (SOUZA, 2015). Aqui propomos pensar se não seria a linha da escrita também a linha do risco. E se, tomando Audre Lorde como guia, entendemos que o risco poderia se fazer tanto do medo que naturalmente nos acomete nos enfrentamentos dos estados hegemônicos, quanto do a-riscar enquanto rasurar esse mesmo estado-sistema. Assim, pensamos que a escrita de existências que nasceram para não viver, se portam como inscrição subversa, quando vivem através das mesmas linhas que riscam e rabiscam o sistema.

a linha da vida – a linha da morte

O texto-linha de Naidna de Souza “supera o tempo e a sua própria linguagem” (SOUZA, 2015), porque escapa da morte. Em seus últimos versos no poema “Linhas”, ela diz que saltou da linha da morte e escapou dela, transcendendo-a em vida. A morte seria não somente física, mas também por apagamento, uma não memória da sua existência. Salta-se do apagamento e decide-se implicar a vida em versos.

Tecer a poesia-linha da autora é nos aliarmos aos lugares banidos por onde ela passou. Sua tessitura fluida nos leva como se dançasse, seu texto é balanço, e é nessa organicidade textual, nesse molejo das palavras que Naidna nos envolve nas suas linhas. Mesmo quando escrita, sua palavra tem som, fluidez, movimento, oralidade. Ainda na dureza e densidade social do que diz, sua forma é dança e por isso compreendemos até mesmo a dor com uma porção ressignificada em possibilidades de vida. A “emancipação narrativa se dá exatamente pela soma das singularidades e compartilhamento da pulsão comum no estabelecimento de outros constructos sociáveis, culturais, relacionais, cognitivos, literários e lexicais” (PONTES, 2019, p. 355).

Naidna ressignifica a margem, a encruzilhada enquanto lugar de banimento. Ressignifica a morte, porque transcendê-la quer dizer vida (SOUZA, 2015). Acessa

a sabedoria ancestral com seus versos, porque é substancial para sua existência e para a existência dos seus pares, que ela crie, que ela transforme as formas e lugares do permitido e apropriado, com a ginga própria dos ancestrais que dançam para fazer fluir a vida.

A encruzilhada fora lugar de banimento em tempos de forçado silenciamento. Junto à derrubada de muitos muros que cerceavam possibilidades de existir, a encruzilhada enquanto *locus* de reexistência foi tomada de volta.

[...] se sustenta a encruzilhada enquanto lugar originário de saberes, linguagens, palavras, oralidades e formas. A partir da égide da encruzilhada enquanto lugar prático, analítico e epistêmico, a travessia dos desviados, dos acidentados pelo padrão hegemônico, dos Outros, se compõe seiva elaborada para mover outras práticas, do sensível, da experiência, da língua enquanto poética de tronco, sustentáculo, corpo desenterrado, árvore, estrutura. (PONTES, 2019, p. 357)

Luiz Rufino ainda fala da encruzilhada enquanto princípio criador de libertação psíquica e cognitiva, sendo tanto “matéria de criação, quanto a atividade geradora da mesma” (RUFINO, 2015, p. 11).

As encruzilhadas nos apontam múltiplos caminhos, outras possibilidades. Assim, a compreensão acerca da política emerge também como um saber na fronteira, angariando os espaços vazios, praticando as dobras da linguagem e escapando dos limites proposto por razões totalitárias. Por aqui, a poética é política, emergem outras formas de dizer que reivindicam outro senso. Revela-se a dimensão lúdica da vida e o caráter cruzado das invenções praticadas nas travessias da encruza transatlântica. (RUFINO, 2019, p. 82)

As linhas do texto sociocomunitário e reexistente de Naidna de Souza se reinscrevem na vida, brincam com os versos como pares ancestrais que dançam junto, e redesenham a encruzilhada para reerguer corpos igualmente pares. Retornamos assim ao entendimento de Carla Akotirene (2018), quando ensina sobre os socorros epistêmicos às narrativas subalternizadas, traçadas pelas encruzilhadas enquanto caminhos discursivos que amparam essas existências na própria avenida do acidente (AKOTIRENE, 2018).

Na busca pelos caminhos das superações, estes não são definitivos como insiste o pragmatismo eurocentrado. As buscas coletivas são as linhas que costuramos e que nos costumam, comunitária e coletivamente, a pares não somente de narrativas, mas também de intenções de vidas, de motes de existências e é isso o que delinea esses caminhos. As linhas são infinitas e breves, ao mesmo tempo, porque, como ensinado por Naidna, podemos emendá-las, fundi-las, arrebenhá-las. As linhas aqui são textos, riscos, rabiscos, desenhos que redimensionam narrativas compartilhadas. Quando redimensionam, brincam com os sentidos, contam outra

história, o reverso daquela oficializada, e assim costuram caminhos disruptivos sobre a experiência da loucura, sobre existências negligenciadas, sobre a vida sociocultural comum a partir de quem viveu uma história negada e silenciada, a partir da sua forma de inventar arte.

Quando aceitamos, nós leitoras/es, seguir os caminhos das suas linhas, aceitamos o risco da sua narrativa, de partilhá-la, aceitamos também a possibilidade de nos redefinirmos nesse tecido comum onde nossas linhas se fazem cruzadas, o texto, a vida. O devir poeta de Naidna de Souza nos ensina que vida e texto têm a mesma substância. E que, mesmo com a densidade das lutas por resignificação motivacional do existir, ou justamente porque há peso, há também movência brincante sobre as encruzilhadas, desalinhando os versos até que, como novelo, reinventemos a existência, interpretação e performatividade do mundo.

referências bibliográficas

A CLÍNICA ampliada da “coisa mental”: desinstitucionalização e subjetividade. Palestra: Marcus Vinícius Oliveira. 2014. Vídeo (47 min). 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RXoYLOS7RII>. Acesso em 5 jun. 2017.

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ARBEX, Daniela. *Holocausto brasileiro- vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil*. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

AUDRE Lorde: The Berlin Years 1984 to 1992. Direção: Dagmar Schultz. 2011. (76 min)

BRASIL. LEI Nº 10.216, DE 6 DE ABRIL DE 2001. IPI *Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental*. Brasília, DF, abr 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10216.htm. Acesso em 07 fev. 2019.

CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em Educação, na área de Filosofia da Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COSTA, Jurandir Freire. *História da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, p.171-189, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-026X2002000100011&lng=es&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 16 nov. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka- Por uma literatura menor*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1977.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: *Representações performáticas brasileiras: teóricas, práticas e suas interfaces*. Marcos Antônio Alexandre (Org). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. Tradução de José Teixeira Coelho. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*. (Anpocs), pp. 223-244, 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf. Acesso em 16 nov. 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. Trad. Eduardo Brandão. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. *Arte & Ensaio*, Rio de Janeiro, n. 32, pp. 122-151, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 28 jul. 2021.

MERHY, Emerson Elias; FRANCO, Túlio B. Por uma Composição Técnica do Trabalho em Saúde centrada no campo relacional e nas tecnologias leves. Apontando mudanças para os modelos tecnoassistenciais. *Saúde em Debate* (CEBES), São Paulo, v. 1, 2003.

MUNANGA, Kabengele. Palestra proferida no 4º Fórum de direitos humanos e saúde mental: racismos, desigualdades e injustiças sociais (UFBA), Salvador, 2019.

NUNES, Mônica de Oliveira. Interseções antropológicas na saúde mental: dos regimes de verdade naturalistas à espessura biopsicossociocultural do adoecimento mental. *Interface: Comunicação, saúde e educação*, v. 16, n. 43., pp. 903-9015, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832012005000045&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 10 fev. 2020.

PATROCÍNIO, Stela. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Viviane Mosé (Org.). Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2009.

POESIA é a nossa estrutura. Direção: Ana Carolina Pedrosa Pontes. 2015. (22 min).

PONTES, Ana Carolina Pedrosa. Metodologia da Encruzilhada: O encontro descolonial da literatura com a Saúde Mental. In: *Direitos humanos, leitura, literatura: criar, existir e resistir*. Elizabeth Gonzaga de Lima; Luciana Sacramento Moreno Gonçalves; Maximiano Martins de Meireles (Orgs). Rio de Janeiro: Bonecker, 2019. p. 350-360.

PONTES, Ana Carolina Pedrosa. *Poesia é a nossa estrutura: árvore, luta e artevida*. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2020.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROTELLI, Franco. *A Instituição Inventada*. Trad. Maria Fernando de Silvio. Santos: Casa de Saúde Anchieta. 1988.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

RUFINO, Luiz. Pedagogia de encruzilhada: sobre conhecimentos, educações e pós-colonialismo. *VIII Seminário Internacional As Redes educativas e as tecnologias: movimentos sociais e educação*, Rio de Janeiro, 2015.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de Reexistência: Culturas e Identidades no movimento Hip-Hop*. (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SOUZA, Naidna de. “Linhas”. In: *Poesia é a nossa estrutura*. Ana Carolina Pedrosa Pontes (Org.). Belo Horizonte: edição independente, 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulard Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.